

Adaptação do *Personal Assessment of Intimacy in Relationships Scale (PAIR)* para a população Portuguesa: Estudo das suas características psicométricas

Helena Moreira, Anabela Amaral & Maria Cristina Canavarro¹

A intimidade é um dos componentes principais de uma relação interpessoal próxima (Clark & Reis, 1988). Ainda que muitos investigadores se tenham dedicado ao estudo deste constructo, não existe ainda uma definição consensual. Para Schaefer e Olson (1981), a intimidade é um processo e uma experiência, que resulta da revelação de assuntos íntimos e da partilha de experiências. Partindo de uma conceptualização multidimensional, construíram o *Personal Assessment of Intimacy in Relationships Scale (PAIR)*, destinado a avaliar cinco áreas distintas de intimidade: emocional, intelectual, social, recreacional e sexual. O presente trabalho teve como objectivo adaptar e avaliar o comportamento psicométrico deste instrumento, numa amostra da população Portuguesa. A estrutura factorial original não foi confirmada, tendo a análise factorial efectuada resultado numa solução de três factores, que receberam as designações de *Validação Pessoal*, *Comunicação* e *Abertura ao Exterior*. Os resultados atestaram também uma boa fiabilidade e validade do instrumento.

PALAVRAS-CHAVE: Intimidade; Casal; Validação Pessoal; Comunicação; Abertura ao Exterior; Características Psicométricas.

Introdução

A necessidade de estabelecer e manter relações próximas e íntimas com os outros é uma motivação humana fundamental, que se manifesta em todas as culturas (Bartholomew & Horowitz, 1991; Baumeister & Leary, 1995; Bowlby, 1982; Brehm, Miller, Perlman, & Campbell, 2002; Laurenceau, Barrett, & Pietromonaco, 2004; Laurenceau, Rivera, Schaffer, & Pietromonaco, 2004). Actualmente, é consensual que o estabelecimento e a manutenção de vinculações e ligações íntimas desempenha um papel fundamental na vida do indivíduo, exercendo uma influência positiva na sua saúde física e mental (Myers, 1999; Reis, 1990, 2006). De acordo com Baumeister e Leary (1995), interacções frequentes e satisfatórias com par-

¹ aculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal

ceiros íntimos, em relações duradouras e positivas, são mesmo essenciais para o funcionamento normal do indivíduo.

Um dos componentes principais de uma relação interpessoal próxima é a intimidade (Clark & Reis, 1988; Mitchell et al., 2008; Prager, 1995). A investigação científica sobre os processos subjacentes às relações próximas remonta aos anos 50 e 60, quando investigadores ligados às áreas da psicologia social, comunicação humana e sociologia experimental, começaram a interessar-se pela interacção social humana. A intimidade e os seus componentes foram um dos primeiros tópicos a serem abordados (e.g. Altman & Taylor, 1973; Jourard, 1971; Patterson, 1976).

Efectivamente, ao longo do tempo, muitos investigadores têm estudado o papel da intimidade no desenvolvimento e manutenção das relações interpessoais e avançado com diferentes definições e operacionalizações deste constructo (Argyle & Dean, 1965; Chelune, Rosenfeld, & Waring, 1985; Fisher & Stricker, 1982; Laurenceau, Barrett, & Rovine, 2005; Prager, 1995; Reis, 1990; Schaefer & Olson, 1981; Waring, 1981), não tendo havido, no entanto, um esforço de integração entre as diferentes teorias. Reis (2006) refere, a este propósito, que o desenvolvimento da investigação no campo da intimidade foi marcado por três principais linhas de investigação: (1) a primeira, sobre a auto-revelação e sobre a forma como a revelação mútua de informação pessoal contribui para o estabelecimento de uma relação com o outro (e.g. Altman & Taylor, 1973; Jourard, 1971); (2) uma segunda linha de investigação, referente aos processos de comunicação não verbal (e.g.: contacto visual, toque, expressão facial) e à forma como estes regulam a intensidade interaccional, considerando-se a intimidade como um conjunto de interacções marcadas por um elevado grau de envolvimento não verbal; (3) a terceira perspectiva nasceu da teoria de Erikson, que considerava a intimidade um descriptor do quinto estágio de desenvolvimento psicossocial, marcado pelo estabelecimento de uma relação exclusiva e de natureza sexual, caracterizada pela abertura, confiança e pela autêntica interdependência.

Deste modo, as diferentes definições propostas foram enfatizando aspectos distintos, reflectindo a perspectiva particular que cada autor tem sobre as relações íntimas e diferindo numa variedade de dimensões, tais como no nível de análise (e.g. nível individual ou nível interaccional), nos componentes centrais (e.g. revelação, responsividade) ou nos aspectos temporais (e.g. a intimidade vista como um conceito estático ou como um processo). Por exemplo, para Hendrick & Hendrick (1986), a intimidade corresponde ao grau de proximidade entre duas pessoas. Já para Walster, Walster & Berscheid (1978, p.146, cit in Prager, 1995), este constructo diz respeito à “relação entre duas pessoas apaixonadas cujas vidas se encontram profundamente interligadas”. A intimidade tem também sido definida como um sentimento de proximidade interpessoal numa dada interacção (Laurenceau,

Feldman, Barrett, & Pietromonaco, 1998) ou como um laço afectivo positivo, complementado pelo conhecimento pessoal partilhado e pelo apoio social (Reis & Patrick, 1996). Outros autores referem ainda que este constructo diz respeito às diferenças motivacionais no desejo de desenvolver relações interpessoais próximas (McAdams, 1987) ou a “uma mistura de afecto... compatibilidade... coesão... sexualidade... resolução de conflitos... autonomia e identidade” (Waring, 1981, p. 34) ou ainda ao “grau de satisfação mútua das necessidades dentro da relação” (Clinebell & Clinebell, 1970, p. 1).

Numa tentativa de integração das diferentes definições e teorias, Reis e Shaver (1988) e, mais tarde, Reis e Patrick (1996), apresentaram um modelo de intimidade – o modelo de Processo Interpessoal da Intimidade – que procura, simultaneamente, incluir os diferentes contributos da teoria da vinculação para a explicação deste constructo. Na perspectiva destes autores, a intimidade é um processo, logo, é dinâmica, motivada, transaccional, interpessoal e contextualizada. Simultaneamente, é influenciada pela história relacional de cada indivíduo, assim como pela história e desenvolvimento esperado da relação particular onde se desenvolve. Depende ainda da comunicação entre os parceiros e reflecte a conjunção das preferências individuais e disposições numa entidade conceptualizada como diádica. Assim, de acordo com este modelo, a intimidade é um processo interactivo, no qual um dos elementos revela informação pessoal ao outro que, por sua vez, responde de forma empática, conduzindo a que o primeiro se sinta validado, compreendido e desejado. A auto-revelação, a responsividade e a interdependência afectiva são, deste modo, componentes essenciais no modelo de Reis & Patrick (1996).

Apesar da diversidade de perspectivas, a intimidade tem sido conceptualizada, pela maioria dos autores, como um conceito multidimensional, constituído por diferentes componentes essenciais (e.g. Berscheid, 1994; Hatfield & Rapson, 1993; Prager, 1995; Prager & Roberts, 2004; Reis, 1990). Neste sentido, Hook, Gerstein, Detterich e Gridley (2003), referem que um dos aspectos mais importantes e consensualmente aceite deste conceito é a presença de *amor* e *afecto*, que permite ao indivíduo expressar os seus sentimentos e pensamentos livremente. Um segundo componente, presente na maioria das conceptualizações de intimidade, é a *validação pessoal*, ou seja, o sentimento de que se é aceite e compreendido pelo o outro, o que, por sua vez, permite a abertura e a auto-revelação. A *confiança* é outro elemento fundamental, na medida em que permite ao sujeito sentir-se seguro para revelar assuntos pessoais. Por último, a *auto-revelação* de aspectos privados e íntimos é igualmente essencial, constituindo-se como uma componente necessária para o estabelecimento de uma relação ou interacção íntima.

Para uma compreensão mais clara do conceito de intimidade, é útil fazer a distinção entre *interacções* de intimidade e *relações* de intimidade. Vários autores, nomeada-

mente Hinde (1981), Schaefer e Olson (1981) e Prager (1995; 2004) alertaram para a necessidade de estudar separadamente estes dois domínios. Assim, e seguindo a linha de Prager (1995), uma interacção íntima é caracterizada por 3 elementos fundamentais: comportamento auto-revelador (comportamentos verbais ou não verbais, que revelam aspectos pessoais e privados do *self*), envolvimento positivo com o outro (o foco atencional de cada elemento da interacção é totalmente dirigido para a situação e os comportamentos verbais e não verbais evidenciam proximidade, aceitação e interesse pelo outro), e compreensão partilhada ou conhecimento do outro (os elementos da interacção compreendem-se mutuamente e sentem conhecer aspectos íntimos do outro, como pensamentos e sentimentos privados, hábitos e rotinas, desejos e preferências). Por sua vez, as relações íntimas são constituídas pelas experiências íntimas, na medida em que dois indivíduos envolvidos numa relação íntima partilham, necessariamente, múltiplas interacções deste tipo, que vão contribuindo para um conhecimento e compreensão do outro cada vez maiores. Este tipo de relações são, assim, caracterizadas pela acumulação de conhecimento pessoal mútuo e partilhado e pela ocorrência regular e predizível de interacções de intimidade (Prager & Roberts, 2004).

A perspectiva de Schaefer e Olson (1981) e o *Personal Assessment of Intimacy in Relationships Scale (PAIR)*

De acordo com Schaefer e Olson (1981), a intimidade é um conceito multidimensional. Com base no trabalho de Dahms² (1972) e de Clinebell e Clinebell³ (1970), propuseram sete tipos diferentes de intimidade: (1) intimidade emocional – experiência de proximidade de sentimentos e envolvimento em interacções caracterizadas pela auto-revelação e validação; capacidade e liberdade para partilhar livremente e numa atmosfera não defensiva, caracterizada pelo sentimento de apoio e compreensão genuína; (2) intimidade social – experiência de partilha de amigos comuns e semelhança nas redes sociais; (3) intimidade intelectual – partilha e discussão positiva de ideias e de assuntos quotidianos; (4) intimidade sexual – partilha de afecto geral, proximidade física, toque e/ou actividade sexual; (5) intimidade recreacional – envolvimento em actividades mútuas e partilha de interesses e de actividades de lazer; (6) intimidade espiritual – partilha do sistema de crenças ou religião; (7) intimidade estética – proximidade que resulta da partilha do que é considerado belo.

2 Dahms (1972) propôs uma hierarquia de 3 dimensões de intimidade: intelectual, física e emocional.

3 Para Clinebell e Clinebell (1970), as relações íntimas englobam tantas formas de intimidade quantas as necessidades a serem preenchidas por uma relação – sexual, emocional, espiritual, estética, criativa, recreacional, trabalho, crise, conflito, compromisso e comunicação.

Para estes autores, a intimidade é conceptualizada como um processo, que se desenvolve ao longo do tempo, nunca estando completo ou totalmente concluído. Desenvolve-se à medida que ambos os parceiros constróem formas positivas de estar na relação, ou seja, à medida que aprendem a comunicar, resolver conflitos e gerir acontecimentos perturbadores com o outro (Kouneski & Olson, 2004). É, igualmente, uma experiência, que resulta da revelação de assuntos íntimos e da partilha de experiências íntimas. No entanto, se esta revelação não for autêntica, se for inapropriada ou insensível, pode dar origem a conflitos e a sentimentos negativos e não ao desenvolvimento da intimidade.

Também para estes autores, o conceito de *experiência íntima* deve ser distinguido de *relação íntima*. Na sua opinião, uma experiência íntima consiste no sentimento de proximidade e/ou partilha com outra pessoa num ou mais dos sete domínios de intimidade descritos. Deste modo, é possível ter experiências íntimas com um conjunto de pessoas sem manter ou desenvolver com estas uma relação íntima. Por exemplo, uma conversa filosófica profunda com um conhecido pode constituir-se como uma experiência de intimidade intelectual. Por outro lado, uma relação íntima é definida pela partilha de experiências íntimas em diferentes domínios de intimidade e pela expectativa de que a relação e esta partilha persistirão ao longo do tempo.

Esta abordagem considera ainda as diferenças individuais no desejo de intimidade nas relações. Nesta perspectiva, a satisfação com a relação não está apenas ligada à experiência de intimidade nos diferentes domínios, mas relaciona-se também com a diferença ou discrepância entre a percepção de intimidade e o grau de intimidade desejado nessa mesma relação.

Para avaliar o grau de intimidade percebido e/ou desejado por um indivíduo numa dada relação, Schaefer e Olson (1981) desenvolveram o *Personal Assessment of Intimacy in Relationships Scale (PAIR)*. Este instrumento, que pode ser utilizado em todos os níveis de relações diádicas, permite avaliar o grau em que cada parceiro se sente íntimo nas várias dimensões da sua relação (*intimidade percebida*) e, simultaneamente, avaliar o grau de intimidade desejado nessa mesma relação (*intimidade esperada*)⁴. A partir destas duas avaliações é possível calcular-se a discrepância entre ambas.

Schaefer e Olson (1981) chamam a atenção para o facto de não existir um ideal ou grau absoluto de intimidade. Deste modo, os autores sugerem que as pon-

4 O questionário deve ser respondido em dois passos consecutivos. Em primeiro lugar, a pessoa deve responder de acordo com o que pensa caracterizar a sua relação no presente (*intimidade percebida*); de seguida, a partir dos mesmos itens, deve responder tendo em conta o que gostaria que caracterizasse a sua relação (*intimidade esperada*).

tuações sejam analisadas através da comparação da intimidade percebida com a intimidade esperada ou desejada de um mesmo sujeito, e da comparação da avaliação de intimidade entre os dois sujeitos da relação.

De acordo com a conceptualização teórica dos autores, este instrumento mede o grau de intimidade em cinco áreas diferentes - emocional, sexual, recreacional, intelectual e social – cada uma correspondente a uma subescala do questionário. A intimidade estética e a intimidade espiritual não foram incluídas no instrumento por se terem revelado dimensões conceptual e empiricamente pouco claras. Os autores incluíram ainda uma subescala de Convencionalidade, constituída por seis itens, que pretende avaliar o grau de desejabilidade social presente nas respostas de cada indivíduo.

O PAIR teve como ponto de partida a definição conceptual das sete dimensões de intimidade já referidas. Posteriormente, foi pedido a diversos profissionais que trabalhavam em diferentes áreas relacionadas com a família, a alunos universitários e a terapeutas familiares e de casal, que elaborassem frases sobre o conceito de intimidade, tanto de uma forma geral, como relativamente às sete dimensões definidas *a priori*. Os autores analisaram ainda várias gravações de discussões de grupo sobre intimidade, pertencentes a casais que frequentavam programas de enriquecimento conjugal. Foram, assim, elaborados 350 itens, agrupados nas sete categorias de intimidade. O estudo piloto (N=85) foi realizado apenas com 113 itens seleccionados do conjunto inicial, tendo resultado num total de 75 itens (10 para cada uma das seis dimensões de intimidade e 15 para a escala de convencionalidade) que, submetidos novamente a uma análise factorial e análise dos itens, foram reduzidos aos 36 itens que constituem a versão final do instrumento (6 itens em cada uma das 6 subescalas).

Os estudos psicométricos finais do PAIR revelaram uma validade convergente e discriminante adequada e uma boa fidelidade *split-half*. Relativamente aos valores de *alpha de Cronbach* encontrados, todos se situam acima de .70, indicando uma consistência interna razoável⁵. A análise factorial a que os autores submeteram os itens⁶ revelou uma estrutura final constituída por cinco factores, cada um formado por 6 itens. A selecção dos itens em cada subescala respeitou os seguintes critérios: (1) itens cuja frequência de resposta correspondia a 50%-50%, de forma a discriminar respondentes; (2) a correlação do item com o total da escala a que pertence deveria ser mais elevado do que com as outras subescalas; (3) os itens deveriam apresentar um *loading* suficientemente elevado, tendo sido usado um critério mínimo de .20; (4) cada subescala deveria ter o mesmo número de itens formulados positiva e negativamente.

5 Coeficientes alpha de Cronbach para cada subescala: Emocional - .75; Social - .71; Sexual - .77; Intelectual - .70; Recreacional - .70.

6 Para a realização da análise factorial os autores excluíram todos os itens da escala de Convencionalidade.

Embora os autores refiram que apenas os itens com melhores *loadings* em cada subescala tenham sido mantidos, o processo de selecção dos itens não é muito claro. A este propósito, Hook et al. (2003), criticam fortemente a solução final deste instrumento, na medida em que itens com um *loading* de .20, ou outros inferiores a .40, foram incluídos, não sendo também possível perceber se os itens saturam apenas em um ou em mais do que um factor. Deste modo, a integridade factorial e, conseqüentemente, a validade de constructo da versão original da escala, encontram-se comprometidas.

Embora este instrumento tenha sido, desde sempre, utilizado com frequência, tanto na prática clínica, como na investigação (e.g. Greeff & Malherbe, 2001; Harper, Schaaalje, & Sandberg, 2000; Hook et al., 2003; Mitchell et al., 2008; Moore, McCabe, & Brink, 2001), a confirmação da estrutura factorial original não constituiu uma preocupação para a maioria dos investigadores que utilizaram este questionário. Até ao momento, apenas Moore, McCabe e Stockdale (1998), procuraram replicar a estrutura factorial original do PAIR, tendo usado, para esse objectivo, uma amostra de 157 indivíduos australianos pertencentes à população geral. A análise factorial realizada por estes autores não replicou a estrutura original, tendo resultado numa solução constituída por 3 factores, aos quais os autores designaram: *Engagement*, *Communication* e *Shared Friendships*.

O presente trabalho tem como objectivo adaptar e avaliar o comportamento psicométrico do *Personal Assessment of Intimacy in Relationships Scale* (PAIR; Schaefer & Olson, 1981), de forma a verificar se a versão portuguesa deste instrumento possui características psicométricas que permitam a sua utilização, tanto na prática clínica como na investigação.

Método

Participantes

A amostra é constituída por um total de 314 sujeitos, pertencentes à população geral. Destes, fazem parte 130 casais (65 homens e 65 mulheres) e 54 indivíduos (4 homens e 50 mulheres) que, apesar de no momento do preenchimento do protocolo de avaliação manterem uma relação, não foi possível a participação de ambos os elementos do casal neste estudo, tendo apenas um elemento preenchido os instrumentos de avaliação. Como critérios de exclusão, foram estabelecidos limites mínimos no que respeita à idade (18 anos) e à escolaridade (ensino primário).

Cerca de 81.5% dos indivíduos que constituem a amostra são casados ou vivem em união de facto, 17.8% são solteiros, apenas 0.3% são divorciados ou separados e 0.3% são viúvos. No entanto, todos os elementos da amostra, independentemente

do seu estado civil, mantinham uma relação na altura em que colaboraram na investigação. À semelhança de Schaefer e Olson (1981), procurámos obter uma amostra representativa da durabilidade da relação, tendo-se verificado uma duração média de 18.23 anos (DP=11.77), sendo o período de tempo mínimo de relação de seis meses e o máximo de 48 anos. A idade média dos respondentes é de 42.19 anos (DP=12.95), sendo o mínimo de 18 anos e o máximo de 71 anos. A maior parte dos indivíduos (39.4%) situa-se na categoria de idade 45-55 anos. Relativamente ao nível socioeconómico e, de acordo com a classificação de (Simões, 1994), 43.9% dos sujeitos pertencem ao nível baixo, 50.3% ao nível médio e apenas 5.7% ao nível superior. Quanto à sua escolaridade, 46.2% frequentaram o ensino básico, 27.6% o ensino secundário e 26.3% o ensino superior.

Instrumentos

Os participantes completaram uma bateria de instrumentos de avaliação de auto-resposta, constituída pela versão portuguesa do PAIR e por duas escalas adicionais, utilizadas como critérios para o estabelecimento da validade de constructo deste instrumento.

– Personal Assessment of Intimacy in Relationships - PAIR (Shaefer & Olson, 1981; versão Portuguesa: Moreira & Canavarro, 2007). Este questionário de auto-resposta, construído numa escala de Lickert de 5 pontos (0 – Discordo fortemente a 4 – Concordo fortemente), pretende medir o grau de intimidade numa relação diádica. Valores mais elevados indicam maiores níveis de intimidade nas dimensões avaliadas. Para a elaboração da versão portuguesa, procedeu-se à tradução da escala, tendo-se obtido uma primeira versão do instrumento em português. Com o objectivo de verificar a preservação do sentido dos itens, foi realizada uma retroversão independente. De seguida, as diferentes versões do instrumento (original, tradução e retroversão) foram comparadas, tendo-se procedido à análise das divergências encontradas. Perante a inexistência de diferenças entre os itens das diferentes versões, que resultassem em uma alteração do sentido dos mesmos, a tradução portuguesa foi mantida, tendo-se realizado apenas alguns reajustes na apresentação de alguns itens. A versão portuguesa do instrumento recebeu o nome de Escala de Avaliação da Intimidade na Relação - PAIR.

– Escala de Vinculação do Adulto - EVA (Collins & Read, 1990; versão Portuguesa: Canavarro, Dias e Lima, 2006). Esta escala é constituída por 18 itens e foi construída com o objectivo de avaliar a vinculação no adulto. A versão portuguesa engloba 3 factores: (1) *Ansiedade*: grau de ansiedade sentida pelo indivíduo, relacionada com questões interpessoais de receio de abandono ou de não ser bem querido; (2)

Conforto com a Proximidade: grau em que o indivíduo se sente confortável com a proximidade e a intimidade; (3) *Confiança nos Outros*: grau de confiança que o sujeito tem nos outros, assim como na disponibilidade destes quando sentida como necessária. As características psicométricas da versão portuguesa deste instrumento atestam a sua utilidade e adequação, tanto na prática clínica como em contexto de investigação.

– Versão breve do *World Health Organization Quality of Life* para Português de Portugal - WHOQOL-Bref (Canavarro et al., 2006; Vaz Serra et al., 2000). Este instrumento é uma medida genérica, multidimensional e multicultural, que permite a avaliação subjectiva da qualidade de vida. A versão portuguesa deste instrumento apresenta boas propriedades psicométricas (Vaz Serra et al., 2006) e é constituída por uma faceta geral e 24 facetas específicas (e.g.: actividade sexual, relações sociais, dor e desconforto...), que se distribuem por 4 domínios distintos (Físico, Psicológico, Relações Sociais e Ambiente).

– Foi ainda utilizada uma ficha de dados sociodemográficos, que permitiu obter informações relevantes, não só sobre o contexto social e demográfico do indivíduo, mas também sobre aspectos relevantes da sua relação, nomeadamente a duração da relação presente (em anos) e a avaliação da qualidade dessa mesma relação (avaliada pela questão: *Como avalia a qualidade da sua relação?*), numa escala de resposta de zero (extremamente má) a dez (extremamente boa).

Procedimento

Após a elaboração da versão portuguesa do questionário, o instrumento foi administrado a um pequeno grupo-piloto constituído por 20 pessoas, com o objectivo de verificar a adequação do vocabulário, a compreensão unívoca dos itens e a organização do questionário em duas partes (*intimidade percebida* e *intimidade esperada*). Procedeu-se também a uma breve discussão dos itens e da organização do questionário com os participantes deste grupo-piloto. Através da análise do conteúdo de cada questionário individual e do *feedback* dado pelos participantes, alguns itens foram reajustados. Paralelamente, foi consensual a dificuldade em responder aos itens quando estes pertenciam à secção da escala relativa à *intimidade esperada*, o que se reflectiu num elevado número de *missings*. A falta de adequação dos itens quando aplicados a esta parte da escala levou-nos a optar pela exclusão da mesma na versão portuguesa do PAIR. Esta alteração foi submetida à consideração de um dos autores do instrumento original, que não colocou qualquer objecção. Assim, a versão portuguesa do *Personal Assessment of Intimacy in Relationships Scale* (PAIR) pretende apenas avaliar o grau de *intimidade percebida* na relação.

Deu-se, então, início à recolha de dados na população geral, nas zonas norte e centro de Portugal. A todos os indivíduos que voluntariamente concordaram participar na investigação foi entregue um envelope com a bateria de instrumentos, uma ficha de dados sociodemográficos e um folheto com uma breve descrição do estudo. Foi omitida qualquer informação que compromettesse a confidencialidade dos dados, garantida também através da atribuição de um número de código a cada protocolo.

Análises Estatísticas

Para o tratamento estatístico dos dados, foi utilizado o pacote estatístico SPSS - versão 14.0. Através desta ferramenta de cálculo, foram determinadas as frequências, médias e os desvios-padrão no que respeita às características sociodemográficas da amostra e às variáveis contínuas em estudo. Foi realizada uma análise factorial exploratória, com recurso ao método Componentes Principais, com rotação oblíqua *Direct Oblim*. Foram também calculados os *alphas de Cronbach* para cada factor, assim como as correlações de Pearson entre as pontuações dos vários instrumentos, entre os itens e as subescalas e entre os diferentes factores da escala.

Resultados

Análise em Componentes Principais

Antes da realização das análises estatísticas com vista ao estabelecimento da estrutura factorial deste instrumento, procedeu-se à exclusão dos 6 itens pertencentes à escala de *Convencionalidade*. Estes itens são qualitativamente diferentes do conceito de intimidade e não foram concebidos como indicadores deste constructo, servindo apenas o objectivo de avaliar a desejabilidade social de cada respondente.

Para analisar a estrutura factorial da escala, procedemos, inicialmente, a uma análise factorial exploratória, com utilização do método Componentes Principais, seguida da rotação oblíqua *Direct Oblim*, que permite a correlação entre factores, não se determinando previamente o número de factores a reter. Antes de se proceder à interpretação dos resultados, verificou-se a adequação da análise factorial através do teste Keiser-Meyer-Olkin - KMO (.910) e do teste de Bartlett ($p < .001$), mostrando-se ambos favoráveis à utilização desta análise.

A análise em componentes principais revelou uma solução constituída por 7 factores com *eigenvalues* superiores a 1, que explicava 60.03% da variância total,

ainda que apenas os 3 primeiros factores contribuísem individualmente para mais do que 5% desta variância. Assim, e tendo em conta a presença de 30 variáveis, o facto de todas as comunalidades após a extracção serem inferiores a .70 e da média destes valores ser inferior a .60, optou-se pela interpretação do gráfico *scree-plot* (Field, 2005), que indicou a presença de 4 factores. A estrutura factorial original, proposta por Schaefer e Olson (1981), e que contempla 5 factores, não foi confirmada nesta análise inicial.

De seguida, e tendo em conta a opção pela retenção de 4 factores, a análise factorial em componentes principais, com rotação *Direct Oblim* foi repetida, mas com a indicação de extracção de 4 factores, que explicaram 49.39% da variância total. Apenas os itens com pesos superiores a .40 foram conservados (Stevens, 1992). Deste modo, verificou-se que um dos factores retidos apresentava apenas dois itens, não fazendo sentido a sua manutenção. Como tal, a análise factorial foi repetida, desta vez com a indicação de extracção de 3 factores. Uma vez que apenas os itens com peso superior a .40 foram retidos, optou-se pela exclusão do item 27 (*A expressão sexual é uma parte essencial da nossa relação*), tendo-se repetido novamente as análises, mas agora com os 29 itens finais.

Não se verificaram diferenças significativas entre sexos no que respeita à estrutura factorial da escala, pelo que toda a amostra foi analisada em conjunto. O Quadro 1. apresenta a estrutura final do instrumento, referente ao total da amostra.

Quadro 1. Estrutura factorial do PAIR

Itens	F1	F2	F3
Factor 1			
10. Quando se trata de ter uma discussão séria parece que temos pouco em comum	,714		
13. Sinto-me muitas vezes distante do meu (minha) companheiro(a)	,670		
25. Por vezes sinto-me negligenciado(a) pelo(a) meu (minha) companheiro(a)	,665		
11. Partilho pouco os interesses do meu (minha) companheiro(a)	,642		
31. Por vezes sinto-me sozinho(a) quando estamos juntos	,633		
29. Raramente temos tempo para fazermos coisas divertidas juntos	,632		
16. Sinto-me humilhado(a) / "deitado(a) a baixo" quando eu e o meu (minha) companheiro(a) temos uma conversa séria	,625		
22. Sinto que é inútil discutir alguns assuntos com o meu (minha) companheiro(a)	,602		
21. Contenho o meu interesse sexual porque o meu (minha) companheiro(a) faz-me sentir desconfortável	,583		
9. Sinto que a nossa vida sexual é apenas uma rotina	,576		
28. O meu (minha) companheiro(a) tenta frequentemente mudar as minhas ideias	,532		
8. Normalmente isolamo-nos dos outros	,473		,413
33. O meu (minha) companheiro(a) parece não ter interesse pelo sexo	,448		
32. O meu (minha) companheiro(a) desaprova alguns dos meus amigos	,426		

Quadro 1. (continuação)

Factor 2			
4. O meu (minha) companheiro(a) ajuda-me a clarificar os meus pensamentos			,791
35. Sinto que partilhamos alguns interesses em comum			,782
19. O meu (minha) companheiro(a) consegue realmente compreender os meus sofrimentos e alegrias			,716
7. Posso falar dos meus sentimentos sem que ele/ela se torne defensivo			,651
17. Gostamos de nos divertir juntos			,629
1. O meu (minha) companheiro(a) escuta-me quando preciso de falar com alguém			,594
3. Estou satisfeito(a) com a nossa vida sexual			,590
34. Temos inúmeros assuntos sobre os quais conversar			,584
5. Gostamos das mesmas actividades de lazer			,505
15. Sou capaz de dizer ao meu (minha) companheiro(a) quando pretendo ter relações sexuais			,429
Factor 3			
2. Gostamos de passar tempo com outros casais			,723
20. Passar tempo em conjunto com os amigos é uma parte importante das nossas actividades em comum			,711
26. Muitos dos amigos mais próximos do meu (minha) companheiro(a) são também os meus amigos mais próximos			,646
23. Gostamos de realizar juntos actividades ao ar livre			,474
14. Temos poucos amigos em comum	,434		,445
Eigenvalue	7.461	6.990	3.126
Variância explicada	31.938	7.715	6.348
Matriz de Correlações			
F1	1		
F2	.466	1	
F3	.231	.198	1

A variância explicada pelo conjunto dos 3 factores é de 46.04%. Todos os itens saturam apenas num factor, à excepção dos itens 8 e 14, que apresentam pesos superiores a .40 em dois factores. Optou-se por manter o item 8 no factor 1 e o item 14 no factor 3, não só por apresentarem uma carga factorial superior nesses factores, mas também por teoricamente ser mais coerente esta opção.

A distribuição dos itens pelas dimensões assemelha-se quase totalmente à estrutura proposta por Moore et al. (1998), com excepção dos itens 5 e 23, que se mantêm na versão portuguesa do instrumento e que os referidos autores excluíram; do item 15, que apresenta uma saturação mais elevada no factor 2, ao contrário da estrutura encontrada por esses autores, onde este item satura no factor 1; e do item 14, que apresenta um peso mais elevado no factor 3, sendo que na estrutura de Moore et al. (1998) satura mais no factor 1. O item 27 foi também excluído por estes autores.

A versão final do instrumento apresenta, assim, um total de 35 itens, distribuídos pelos 3 factores encontrados e pela escala de Convencionalidade. Ao factor 1 foi atribuída a designação de *Validação Pessoal* (corresponde à escala *Engagment* da versão de Moore et al. (1998)), sendo esta subescala constituída por 14 itens; o factor 2 recebeu a designação de *Comunicação*, à semelhança da versão de Moore et al. (1998), e engloba 10 itens; o último factor é designado por *Abertura ao Exterior* (corresponde ao factor *Shared Friendships* da versão de Moore et al. (1998)) e contém 5 itens. Por fim, a escala de *Convencionalidade* mantém os 6 itens propostos na versão original.

Fidelidade

A fidelidade da escala foi analisada através da sua consistência interna, nomeadamente, por meio do *alpha de Cronbach* e do coeficiente *Split-half*.

Quadro 2: Características gerais da escala

PAIR	Média	DP	Alpha de Cronbach	Split-half
Total	81.350	16.660	.920	.840
F1	37.764	9.328	.883	.860
F2	28.319	6.339	.874	.852
F3	12.656	3.541	.710	.680
Escala de Convencionalidade	15.672	4.417	.815	.822

No Quadro 2, apresentam-se os índices de fidedignidade do questionário. Os factores 1 e 2, assim como a escala de Convencionalidade, apresentam bons índices de fidelidade (Hill & Hill, 2005). O factor 3 apresenta índices ligeiramente inferiores mas, ainda assim, razoáveis.

De seguida, para cada factor, são apresentadas as características dos itens (média e desvio-padrão), as correlações item-total e item-total corrigida, bem como os valores de *alpha de Cronbach* quando o item é excluído. Ainda que a escala de Convencionalidade tenha sido excluída da análise factorial do instrumento, é relevante estudar as suas características, pelo que foi também incluída no estudo dos itens.

Quadro 3: Estudo dos itens

Itens	Média	DP	Correlação Item-Total	Correlação Item-Total Corrigida	Alpha de Cronbach excluindo o item
Factor 1					
8	2,71	1,01	,46**	,37	,883
9	2,77	1,04	,64**	,57	,874
10	2,28	1,16	,65**	,57	,874
11	2,76	,97	,65**	,58	,873
13	2,76	1,06	,71**	,65	,870
16	2,99	1,05	,65**	,58	,873
21	3,12	,93	,67**	,61	,872
22	2,38	1,18	,73**	,67	,869
25	2,79	1,01	,66**	,59	,873
28	2,53	1,01	,59**	,51	,876
29	2,16	1,20	,61**	,52	,877
31	2,80	1,07	,68**	,61	,872
32	2,75	1,07	,51**	,42	,881
33	2,94	1,02	,60**	,52	,876
Factor 2					
1	2,90	1,00	,66**	,552	,865
3	2,94	,91	,69**	,601	,861
4	2,87	,95	,80**	,731	,850
5	2,42	,99	,61**	,499	,869
7	2,81	,94	,71**	,624	,859
15	2,73	1,03	,56**	,431	,874
17	3,14	,85	,74**	,672	,856
19	2,80	,90	,79**	,731	,851
34	2,73	,92	,63**	,524	,867
35	2,98	,73	,71**	,650	,859
Factor 3					
2	2,51	1,00	,72**	,53	,638
14	2,55	1,14	,64**	,38	,699
20	2,45	1,03	,74**	,55	,627
23	2,62	,96	,64**	,43	,677
26	2,53	1,06	,68**	,46	,664
Escala de Convencionalidade					
6	2,76	,91	,79**	,69	,765
12	2,94	1,09	,67**	,50	,805
18	2,69	,87	,72**	,61	,781
24	2,63	,96	,77**	,68	,765
30	2,31	1,11	,69**	,54	,796
36	2,34	1,16	,68**	,52	,802

** p < .001

Podemos verificar no quadro 3 que todas as correlações entre o item e a subescala a que pertencem são significativas e bastante elevadas, situando-se entre .46 e

.80, o que corresponde a uma associação relativamente forte (Hill & Hill, 2005). É também importante realçar que, após a análise de todas as correlações entre os itens e o total das subescalas, todos os itens mostraram correlações superiores com o total da subescala a que pertencem do que com as outras subescalas. Paralelamente, todas as correlações item-total corrigidas são superiores a .30, o que indica que todos os itens se correlacionam bem com a subescala a que pertencem (Field, 2005) e que, desse modo, são capazes de, isoladamente, representar de forma adequada o constructo que essa subescala pretende medir. Podemos também constatar que nenhum dos itens, quando excluído da análise, conduz a um aumento do alfa de Cronbach total de cada subescala (cf. Quadro 2), o que indica que todos contribuem para a consistência interna do instrumento.

Estudos de validade

Para o estabelecimento da validade de constructo, para além da análise factorial e da matriz de correlações entre os factores já apresentadas, procedeu-se à análise da validade convergente da escala. Assim, procurou-se testar se a escala se correlaciona significativamente com outras variáveis com as quais o conceito de intimidade e as suas dimensões deveriam, de acordo com os pressupostos teóricos, encontrar-se relacionadas. Para tal, foi utilizada a EVA, a faceta Actividade Sexual do WHOQOL-bref (cf. Instrumentos), bem como a avaliação da duração e da qualidade da relação.

Quadro 4: Correlações entre o PAIR, duração e qualidade da relação, actividade sexual e escalas da EVA

PAIR	Validação pessoal	Comunicação	Abertura ao Exterior
Duração da relação	-,39**	-,38**	-,11
Qualidade da relação	,51**	,60**	,26**
WHOQOL			
Actividade sexual	,41**	,60**	,28**
EVA			
Conforto com a proximidade	,32**	,31**	,08
Confiança nos outros	,26**	,22**	,11
Ansiedade	-,26**	-,23**	-,12

Como se observa no quadro 4, a duração da relação correlaciona-se negativa e estatisticamente com os factores *Validação Pessoal* e *Comunicação*. Assim, relações mais duradouras parecem associar-se a níveis de intimidade nas dimensões de *Validação Pessoal* e de *Comunicação* menores, relativamente a relações de menor duração.

Verificou-se também uma associação positiva e estatisticamente significativa entre todos os factores de intimidade e a qualidade da relação, sugerindo que quanto maior os níveis de intimidade relativos a cada factor, maior a satisfação do indivíduo com a sua relação.

368

A faceta de *Actividade Sexual* (avaliada pelo item: *Até que ponto está satisfeito(a) com as suas relações sexuais?*) do WHOQOL-bref encontra-se positiva e estatisticamente correlacionada com os três factores de intimidade, denotando uma tendência para uma maior satisfação com a actividade sexual à medida que a percepção de intimidade é também maior.

Relativamente à associação entre o PAIR e as dimensões avaliadas pela EVA, constataram-se correlações estatisticamente significativas entre as três escalas da EVA e os factores *Validação Pessoal* e *Comunicação* do PAIR. Note-se que a associação entre a *Ansiedade* e os factores de intimidade é negativa, sugerindo que quanto maior o receio de ser abandonado ou de não ser querido pelos outros, menor é o nível de intimidade avaliado na relação. O factor *Abertura ao Exterior* não se associa significativamente com nenhuma escala da EVA. Tal pode dever-se ao facto deste factor medir aspectos relacionados com a abertura do casal ao exterior, nomeadamente, aos amigos e actividades conjuntas e não tanto a aspectos mais internos, tanto individuais como conjugais, que, teórica e empiricamente, se encontram mais relacionados com o constructo de vinculação e com os factores que lhe estão associados.

As correlações encontradas, na sua maioria estatisticamente significativas, parecem suportar a validade deste instrumento.

Discussão

O presente trabalho teve como objectivo o estudo das qualidades psicométricas da versão portuguesa do *Personal Assessment of Intimacy in Relationships Scale* (PAIR), instrumento destinado à avaliação da intimidade, conceptualizada como um constructo multidimensional.

O primeiro passo deste estudo consistiu na análise da estrutura factorial da escala. A estrutura original, constituída pelos factores de intimidade *Emocional*, *Social*, *Intelectual*, *Sexual* e *Recreacional*, não foi replicada. De facto, algumas críticas têm sido feitas à análise factorial efectuada por Schaefer e Olson (1981), colocando em causa a validade de constructo deste instrumento, na sua versão original (Hook et al., 2003; Moore et al., 1998). A análise factorial em componentes principais efectuada, resultou numa estrutura constituída por 3 factores. Esta solução é

muito semelhante à estrutura encontrada por Moore et al. (1998), da qual fazem parte os mesmos factores, designados por *Commitment*, *Communication* e *Shared Friendships*.

Assim, o primeiro factor – *Validação Pessoal* – é constituído por 14 itens, que pretendem avaliar aspectos de intimidade relacionados com o sentimento de validação de opiniões e sentimentos e de aceitação por parte do companheiro num conjunto de diferentes áreas; com a partilha de interesses e de actividades; com a proximidade emocional sentida em relação ao companheiro e com a sexualidade. O segundo factor, que assumiu a designação dada por Moore et al. (1998) – *Comunicação* – engloba 10 itens que procuram avaliar, essencialmente, a capacidade e possibilidade de expressão de opiniões, sentimentos e desejos na relação. Por último, o terceiro factor – *Abertura ao Exterior* – é composto por 5 itens, relacionados com a abertura da díade conjugal aos outros, nomeadamente aos amigos, e à partilha de amigos comuns. Este factor engloba cinco dos seis itens que constituem o factor de *Intimidade Social* da escala original, sendo, por isso, muito semelhante.

Este instrumento engloba ainda uma escala de *Convencionalidade*, constituída por 6 itens, idêntica à escala de convencionalidade incluída no instrumento original, e que tem como objectivo avaliar a desejabilidade social presente nas respostas do indivíduo.

A versão portuguesa do PAIR revelou-se uma medida consistente do constructo de intimidade. Os índices de fiabilidade apresentados (*alpha de Cronbach* e *Split-Half*) para o total da escala, para a escala de *Convencionalidade* e para os factores *Validação Pessoal* e *Comunicação*, mostraram-se elevados. O facto da subescala *Abertura ao Exterior* apresentar valores inferiores de consistência interna, mas ainda assim razoáveis, pode estar relacionado com o menor número de itens que a compõem. A análise dos itens para cada subescala, mostrou que todos se associam significativamente com o total da escala a que pertencem, contribuindo para a sua consistência interna.

A validade de constructo do instrumento foi também demonstrada, não só através da análise factorial, mas também através das correlações de Pearson entre os diferentes factores e entre estes e outros instrumentos que avaliam constructos relacionados (validade convergente). Assim, verificaram-se correlações positivas e estatisticamente significativas entre os factores *Validação Pessoal* e *Comunicação* e as dimensões *Conforto com a Proximidade* e *Confiança nos Outros*, avaliadas pela EVA. Efectivamente, estes factores de intimidade parecem estar associados com a forma como o indivíduo se sente próximo ao estabelecer relações próximas e íntimas e também com o grau de confiança depositado nos outros e na sua disponibilidade em situações em que a sua presença seja necessária. Paralelamente, e tal

como seria de esperar, os factores de intimidade mencionados apresentaram uma correlação negativa com a dimensão de *Ansiedade*, mostrando que quanto maior o grau de intimidade percebido, menor será o grau em que o indivíduo se sente preocupado com a possibilidade de ser rejeitado e/ou abandonado. O factor *Abertura ao Exterior* não se mostrou associado significativamente com nenhuma dimensão da vinculação, provavelmente pela menor ênfase colocada neste factor a aspectos relacionais e individuais relacionados com a percepção de intimidade na relação. A faceta *Actividade Sexual*, do WHOQOL-bref, foi também utilizada para testar a validade convergente do PAIR, tendo-se verificado a existência de uma associação positiva e significativa entre a satisfação com a relação sexual e o grau de intimidade percebido nos três factores apresentados. Ou seja, quanto maior é a intimidade avaliada na relação, maior é também a satisfação com a actividade sexual. Note-se que esta associação foi bastante elevada no factor Comunicação, na medida em que este avalia directamente a satisfação com a relação sexual (cf. Quadro 1).

Para além dos instrumentos mencionados, analisou-se ainda a correlação entre a duração da relação e a avaliação da qualidade da relação e os três factores do instrumento. Assim, relações duradouras parecem associar-se a um decréscimo da intimidade nas dimensões *Validação Pessoal* e *Comunicação*, ou seja, ao longo do tempo, os casais parecem evidenciar uma menor proximidade emocional, partilha de interesses e actividades, e um menor sentimento de aceitação e validação das suas opiniões, sentimentos e atitudes. Esta relação não se verificou no que respeita ao factor *Abertura ao Exterior*, com o qual a associação não foi significativa. Paralelamente, a qualidade da relação, à semelhança de outros estudos (Moore et al., 2001), mostrou-se positiva e significativamente associada com os três factores da intimidade, sugerindo que, à medida que o indivíduo avalia mais positivamente a sua relação também a sua percepção de intimidade na mesma aumenta.

Assim, a versão portuguesa final do PAIR é constituída por 35 itens, distribuídos por três subescalas, correspondentes aos factores apresentados, e por uma subescala de convencionalidade. Este instrumento apresenta boas características psicométricas, mostrando-se útil e adequado, tanto na prática clínica, como em contexto de investigação. Revelou ainda ser um instrumento de fácil compreensão, administração e cotação, tornando-se exequível nos contextos referidos.

A intimidade é um constructo de difícil operacionalização e avaliação. Vários autores têm proposto diferentes definições e componentes essenciais, de acordo com os seus pressupostos teóricos. No entanto, apesar desta multiplicidade de visões, é relativamente consensual de que a intimidade é um conceito multidimensional. Deste modo, uma avaliação completa de todas as dimensões da intimidade poderá somente ser possível utilizando, não apenas um instrumento de auto-resposta

como o PAIR, mas também outras metodologias (e.g. entrevista) e instrumentos de avaliação. O PAIR pretende constituir-se como um instrumento de avaliação da intimidade relacional, focando especificamente aspectos relacionados com a validação pessoal, comunicação entre os parceiros e abertura da diáde aos elementos exteriores.

Referências

- Altman, I., & Taylor, D. (1973). *Social penetration: The development of interpersonal relationships*. New York: Holt, Rinehart & Winston.
- Argyle, M., & Dean, J. (1965). Eye-contact, distance and affiliation. *Sociometry*, 28, 289-304.
- Bartholomew, K., & Horowitz, L. M. (1991). Attachment styles among young adults: A test of a model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61, 226-244.
- Baumeister, R. F., & Leary, M. R. (1995). The need to belong: Desire for interpersonal attachments as a fundamental human motivation. *Psychological Bulletin*, 117, 497-529.
- Berscheid, E. (1994). Interpersonal relationships. *Annual Review of Psychology*, 45, 79-129.
- Bowlby, J. (1982). *Attachment and Loss: Attachment*. New York: Basic Books.
- Brehm, S., Miller, R., Perlman, D., & Campbell. (2002). *Intimate Relationships* (3rd ed.). New York: McGraw-Hill.
- Canavarro, M. C., Dias, P., & Lima, V. (2006). A avaliação da vinculação do adulto: Uma revisão crítica a propósito da aplicação da Adult Attachment Scale-R (ASS-R) na população portuguesa. *Psicologia*, 20(1), 155-186.
- Canavarro, M. C., Vaz Serra, A., Pereira, M., Simões, M. R., Quintais, L., Quartilho, M., et al. (2006). Desenvolvimento do Instrumento de Avaliação da Qualidade de Vida da Organização Mundial de Saúde (WHOQOL-100) para Português de Portugal. *Psiquiatria Clínica*, 27(1), 15-23.
- Chelune, G. J., Rosenfeld, L. B., & Waring, E. M. (1985). Spouse disclosure patterns in distressed and nondistressed couples. *American Journal of Family Therapy*, 13, 24-32.
- Clark, M. S., & Reis, H. T. (1988). Interpersonal process in close relationships. *Annual Review of Psychology*, 39, 609-672.
- Clinebell, H. J., & Clinebell, C. H. (1970). *The Intimate Marriage*. New York: Harper & Row.
- Dahms, A. (1972). *Emotional intimacy*. Denver: Pruett.
- Field, A. (2005). *Discovering Statistics Using SPSS* (2nd ed.). London: Sage.
- Fisher, M., & Stricker, G. (1982). *Intimacy*. New York: Plenum.
- Greeff, A., & Malherbe, H. (2001). Intimacy and Marital Satisfaction in Spouses. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 27, 247-257.
- Harper, J., Schaaalje, B., & Sandberg, J. (2000). Daily Hassles, Intimacy, and Marital Quality and Later Life Marriages. *The American Journal of Family Therapy*, 28, 1-18.
- Hatfield, E., & Rapson, R. (1993). *Love, sex and intimacy: Their psychology, biology & history*: Harper Collins College Publisher
- Hendrick, C., & Hendrick, S. (1986). A theory and method of love. *Journal of Personality and Social Psychology*, 50, 392-402.
- Hill, M., & Hill, A. (2005). *Investigação por Questionário* (2 ed.). Lisboa: Edições Sílabo.

- Hinde, R. A. (1981). The bases of a science of interpersonal relationships. In S. Duck & R. Gilmour (Eds.), *Personal Relationships* (pp. 1-22). London: Academic Press.
- Hook, M., Gerstein, L., Detterich, L., & Gridley, B. (2003). How Close Are We? Measuring Intimacy and Examining Gender Differences. *Journal of Counseling and Development, 81*(4), 462-472.
- Jourard, S. M. (1971). *Self-disclosure: An experimental analysis of the transparent self*. New York: Wiley.
- Kouneski, E. F., & Olson, D. (2004). A Practical Look at Intimacy: ENRICH Couple Typology. In D. Mashek & A. Aron (Eds.), *Handbook of Closeness and Intimacy* (pp. 117-133). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Inc. .
- Laurenceau, J.-P., Barrett, L., & Pietromonaco, P. (2004). Intimacy as an Interpersonal Process: The Importance of Self-Disclosure, Partner Disclosure, and Perceived Partner Responsiveness in Interpersonal Exchanges. In H. T. Reis & C. E. Rusbult (Eds.), *Close Relationships* (pp. 199-211). New York: Taylor & Francis Books, Inc.
- Laurenceau, J.-P., Barrett, L., & Rovine, M. (2005). The Interpersonal Process Model of Intimacy in Marriage: A Daily-Diary and Multilevel Modeling Approach. *Journal of Family Psychology, 19*(2), 314-323.
- Laurenceau, J.-P., Feldman, Barrett, L., & Pietromonaco, P. (1998). Intimacy as an interpersonal process: The importance of self-disclosure, partner disclosure, and perceived partner responsiveness in interpersonal exchanges. *Journal of Personality and Social Psychology, 74*, 1238-1251.
- Laurenceau, J.-P., Rivera, L. M., Schaffer, A., R., & Pietromonaco, P. (2004). Intimacy as an Interpersonal Process: Current Status and Future Directions. In D. Mashek & A. Aron (Eds.), *Handbook of Closeness and Intimacy* (pp. 61-78). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- McAdams, D. P. (1987). Intimacy motivation and subjective mental health in a nationwide sample. *Journal of Personality 55*, 851-861.
- Mitchell, A., Castellani, A., Herrington, R., Joseph, J., Doss, B., & Snyder, D. (2008). Predictors of Intimacy in Couples' Discussions of Relationships Injuries: An Observational Study. *Journal of Family Psychology, 22*(1), 21-29.
- Moore, K., McCabe, M., & Brink, R. (2001). Are married couples happier in their relationships than cohabiting couples? Intimacy and relationships factors. *Sexual and Relationship Therapy, 16*(1), 35-46.
- Moore, K., McCabe, M., & Stockdale, J. (1998). Factor analysis of the Personal Assessment of Intimacy in Relationships Scale (PAIR): engagement, communication and shared friendships. . *Sexual and Marital Therapy, 13*(4), 361-368.
- Myers, D. G. (1999). Close relationships and quality of life. In D. Kahneman, E. Diener & N. Schwartz (Eds.), *Well-being: The foundations of hedonic psychology* (pp. 374-391). New York: Sage.
- Patterson, M. L. (1976). An arousal model of interpersonal intimacy. *Psychological Review, 83*, 235-245.
- Prager, K. J. (1995). *The Psychology of Intimacy*. New York: The Guilford Press.
- Prager, K. J., & Roberts, L. (2004). Deep Intimate Connection: Self and Intimacy in Couple Relationships. In D. Mashek & A. Aron (Eds.), *Handbook of Closeness and Intimacy* (pp. 43-60). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Inc.

- Reis, H. T. (1990). The role of intimacy in interpersonal relationships. *Journal of Social and Clinical Psychology, 9*, 15-30.
- Reis, H. T. (2006). Implications of Attachment Theory for Research on Intimacy. In M. Mikulincer & G. Goodman (Eds.), *Dynamics of Romantic Love: Attachment, Caregiving and Sex* (pp. 383-403). New York: The Guilford Press.
- Reis, H. T., & Patrick, B. (1996). Attachment and Intimacy: Component Processes. In T. Higgins & A. Kruglanski (Eds.), *Social Psychology: Handbook of Basic Principles*. New York: The Guilford Press.
- Reis, H. T., & Shaver, P. (1988). Intimacy as an interpersonal process. In S. Duck (Ed.), *Handbook of personal relationships* (pp. 367-389). Chichester: Wiley.
- Schaefer, M., & Olson, D. (1981). Assessing Intimacy: The PAIR Inventory. *Journal of Marital and Family Therapy, 7*(1), 47-60.
- Simões, M. R. (1994). *Investigações no âmbito da aferição nacional do teste das Matrizes Progressivas de Raven*. Unpublished Tese de Doutoramento, Universidade de Coimbra.
- Vaz Serra, A., Canavarro, M. C., Simões, M. R., Pereira, M., Quartilho, M., Rijo, D., et al. (2006). Estudos Psicométricos do Instrumento de Avaliação da Qualidade de Vida da Organização Mundial de Saúde (WHOQOL-Bref) para Português de Portugal. *Psiquiatria Clínica, 27*(2), 41-49.
- Waring, E. M. (1981). Facilitating marital intimacy through self-disclosure. *The American Journal of Family Therapy, 9*, 33-42.

Adaptation of the *Personal Assessment of Intimacy in Relationships Scale (PAIR)* for the Portuguese population: Study of its psychometric characteristics

The intimacy is one of the main components of a close interpersonal relationship (Clark & Reis, 1988). Many researchers have dedicated to the study of this concept, but there is not still a consensus definition. For Schaefer and Olson (1981), intimacy is a process and an experience, which results from the disclosure of intimate matters and sharing of experiences. Starting from a multidimensional conceptualization, the authors constructed the *Personal Assessment of Intimacy in Relationships Scale (PAIR)*, to assess five areas of intimacy: emotional, intellectual, social, recreational and sexual. This study aimed to adapt and evaluate the psychometric behaviour of PAIR, in a sample of the Portuguese population. The original factor structure was not confirmed. The factor analysis resulted in a solution composed by three factors, which received the designations of *Personal Validation*, *Communication* and *Open to the Exterior*. The results showed also a good reliability and validity of the instrument.

KEY-WORDS: Intimacy; Couples; Personal Validation; Communication; Opening to the Exterior; Psychometric Characteristics.